



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8



Arte na Escola: um Espaço de Inclusão- desenvolvimento do Projecto “Viagem”

DELMINA CLARITA PIRES, ROSA MARIA OLIVEIRA

Universidade de Aveiro

Resumo:

O trabalho a apresentar foi realizado em contexto escolar, com três turmas do 9.º ano e teve como objectivo essencial o desenvolvimento de competências ao nível da imaginação e da criatividade. Decorreu na disciplina de Oficina de Artes e realizou-se no âmbito da investigação do projecto de dissertação de Mestrado em Criação Artística Contemporânea da Universidade de Aveiro.

O projecto assumiu a designação de “Viagem”, estando dividido em duas partes: a primeira parte decorreu ao longo do primeiro período e teve uma topologia vivencial e a segunda realizou-se ao longo do segundo e terceiro períodos e assumiu um carácter psico-educacional. O tema “Viagem” pretendia levar os alunos a reflectirem sobre várias viagens e vários caminhos que estavam a percorrer naquele momento: a vida, a adolescência, o seu percurso escolar e a conclusão do 3.º ciclo. O projecto tinha, também, um carácter interdisciplinar, propondo aos alunos fazerem a ponte entre as várias “viagens” enunciadas anteriormente e uma outra viagem que estudariam na disciplina de Língua Portuguesa, a viagem da descoberta do Caminho Marítimo para a Índia e os feitos dos Portugueses, desde a Fundação da Nacionalidade até ao Reinado do Rei D.Manuel I, narrada por Camões na obra “Os Lusíadas”. Os mediadores artísticos utilizados pelos alunos foram: a pintura, a modelagem, a expressão corporal, a expressão musical, a expressão dramática, a expressão escrita, o cinema, o vídeo e a fotografia.

Na segunda parte do projecto os alunos produziram e apresentaram uma exposição e um espectáculo com o título “Lusíadas School”, que pretendeu recriar algumas das vivências passadas na escola. Na produção do espectáculo usaram-se recursos elementares da vivência humana. Foram organizados de forma criativa, mobilizados vários saberes, dando origem a uma interpretação singular, muito pessoal, a alguns dos episódios de “Os Lusíadas”. O Cine-Teatro de Estarreja apoiou este projecto, possibilitando a realização, durante o segundo e terceiro períodos, de aulas/ensaios no seu espaço e, finalmente, realizou-se aí a apresentação ao público do produto do trabalho desenvolvido.

Os fundamentos teóricos que estiveram na base da prática descrita, enunciam que a personalidade de um indivíduo é modelada pela ampla gama de relações objectais que estabelece, pelas ansiedades geradas e pelas defesas mobilizadas. A representação de uma ideia através da arte, como do sonho, implica a utilização de uma linguagem onírica própria de cada indivíduo. Cada criador tem o seu universo imaginário e o seu método de representação de uma ideia através da arte e do sonho, ou seja, o seu estilo pessoal, revelador da sua personalidade. A projecção e o insight gerados através da criação artística podem potenciar o desenvolvimento de competências criativas, o treino de aptidões relacionais, da gestão de conflitos e da aprendizagem através de mediadores, as abordagens interpessoais, a assertividade, a gestão de eventos traumáticos e o auto-conhecimento.

Palavras chave: Arte, imaginação e mediadores artísticos

Introdução

A disciplina de Oficina de Artes, na Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos Padre Donaciano de Abreu Freire é uma oferta da escola e tem como enquadramento legal o Decreto-Lei 6/2001, que aprova a reorganização curricular do ensino básico. Este documento salienta a necessidade do desenvolvimento da educação artística e atribui a seguinte carga horária à componente curricular de Educação Artística para o 3.º ciclo: nos 7.º e 8.º anos têm 90 minutos de Educação Visual ao longo do ano lectivo e numa organização equitativa ao longo de cada ano, uma outra disciplina da área da Educação Artística e Educação Tecnológica; no 9.º ano os alunos escolhem livremente uma única disciplina, entre as ofertas da escola nos domínios artístico e tecnológico. Esta organização curricular permite, nos 7.º e 8.º anos, para as disciplinas de oferta de escola e Educação Tecnológica, uma organização semestral e a distribuição dos alunos de uma turma em dois grupos: metade frequenta durante o primeiro semestre a disciplina de oferta da escola e a outra metade a disciplina de Educação Tecnológica, devendo os grupos trocarem de disciplina no final do primeiro semestre. Esta estratégia permite a redução do número de alunos em sala de aula o que, no nosso ponto de vista, favorece uma abordagem essencialmente prática de técnicas e conteúdos.

O documento editado pelo Departamento da Educação Básica, do Ministério da Educação, em Setembro de 2001, “Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais” está de acordo com os princípios orientadores do Decreto Lei 6/2001 e apresenta o conjunto de competências essenciais para cada área curricular disciplinar, para cada um dos ciclos do ensino básico, bem como, os tipos de experiências educativas que devem ser proporcionadas a todos os alunos.

Na área de Educação Artística o documento considera quatro grandes áreas: Expressão Plástica e Educação Visual; Expressão e Educação Musical; Expressão Dramática/Teatro e Expressão Físico-Motora/Dança. Estes domínios são referenciados como corpos de saberes independentes, tendo linguagens, sinais e símbolos próprios. Procura-se, contudo, o que é transmissível a toda a actividade artística: “A definição de competências específicas, comuns a todas as artes presentes na escola, pretende contribuir, nomeadamente, para a estruturação das ofertas da escola que excedam o âmbito das áreas disciplinares atrás apresentadas, para a realização de projectos de integração artística e, ainda, para a organização de actividades artísticas em espaços de enriquecimento curricular.” (Educação 2001)

Estabelece ainda a relação entre as competências da área da Educação Artística e as competências gerais a promover ao longo da educação básica, salientando-se o facto de as competências artísticas accionarem múltiplas inteligências, mobilizarem capacidades afectivas, cognitivas e cinestésicas. Ao promover a expressão, permitem a afirmação da singularidade de cada indivíduo, facilitam a coerência interna ao apresentarem-se como território de prazer, podendo reforçar a auto-estima; proporcionam a partilha de sentimentos, emoções e conhecimentos; promovem a integração de indivíduos com necessidades educativas especiais, bem como, de indivíduos provenientes de outras culturas e podem ser um instrumento valioso na promoção de formação ao longo da vida.

Ao longo da educação básica o indivíduo deve ter oportunidade de fortalecer a sua construção identitária, as experiências de aprendizagem conducentes ao desenvolvimento das competências artísticas devem permitir e fomentar essa construção proporcionando vivências ricas e diversificadas através das realizações artísticas individuais ou em grupo, que mobilize saberes de outras áreas disciplinares, complementadas com a assistência a espectáculos de natureza estética diversificada. Estas experiências são territórios privilegiados para a integração de vários mediadores artísticos, para o intercâmbio entre a escola e outras instituições fomentando o contacto com artistas e profissionais da área cultural e a valorização do património cultural e artístico nacional.

Contexto Geográfico e Social

A Escola Básica 2.º e 3.º Ciclos Padre Donaciano de Abreu Freire é uma instituição de educação e ensino público, sede do Agrupamento de Escolas de Estarreja, da Área Educativa de Aveiro, que serve as freguesias do conselho de Estarreja: Beduído, Canelas, Fermelã, Salreu e Veiros.

Estarreja é um concelho que pertence, administrativamente, ao distrito de Aveiro, localizando-se na sub-região do Baixo Vouga. A ria de Aveiro é responsável pela morfologia da região definindo a existência de esteiros e canais em todas as freguesias. Estes contribuem para a diversidade biótica, característica da região e que se define através de águas livres, ilhas com vegetação, vasas e lodos, sapais, salinas e campos agrícolas.

O rio Antuã que desagua na ria de Aveiro é uma das linhas de água que recortam o conselho, embelezando-o com as suas margens pontuadas de azenhas e represas.

Em termos de actividades económicas dominantes o concelho caracterizou-se, durante muito tempo, exclusivamente por actividades ligadas à terra, mas hoje em dia é dominado pelos sectores secundário e terciário.

Verifica-se uma ocupação maioritária dos seus terrenos por actividades agrícolas, é uma zona de minifúndio onde se pratica o cultivo, predominantemente, do milho, do arroz, do feijão, da batata, do trigo e da vinha. A criação de gado leiteiro e de abate também é significativa na região. O sector primário ocupa cerca de 11,3% da população activa.

Considerado o terceiro pólo industrial do país é dominado pela indústria química, também sendo representativas as indústrias de confecções, cerâmica e alimentação. O sector secundário ocupa cerca de 49% da população activa.

A indústria é o motor do desenvolvimento da região tendo proporcionado o florescimento do comércio grossista e retalhista, bem como, o surgimento de sucursais bancárias e de seguros.

O recente investimento na recuperação do património natural, artístico e cultural, associado ao surgimento de novos empreendimentos hoteleiros têm permitido o surgimento de novas ofertas turísticas.

Faz parte da história cultural recente do conselho de Estarreja a organização das festividades de Carnaval que têm gerado o nascimento de inúmeros grupos e escolas de samba, que ao longo do ano são responsáveis pela dinamização de várias actividades no concelho.

Existem ainda, um pouco por todo o concelho, infra-estruturas culturais e desportivas. Numerosas colectividades fomentam práticas culturais, desportivas e recreativas. Salienta-se a importância e o dinamismo das associações ambientais que têm desempenhado um importante papel na procura do equilíbrio entre o desenvolvimento industrial e a preservação do ambiente de uma região que já esteve qualificada como tendo um dos solos mais poluídos do mundo.

Contexto Educativo e Cultural

O Projecto Educativo do Agrupamento de Escolas de Estarreja, relativamente às carências, preocupações e anseios inventariados no âmbito dos alunos, da instituição, das famílias e comunidade salienta como principais preocupações da instituição e respectiva comunidade educativa os comportamentos disfuncionais dos seus alunos; a falta de envolvimento dos pais e encarregados de educação na vida escolar dos seus educandos e a desvalorização dos saberes académicos e da cultura.

Os comportamentos disfuncionais dos alunos reflectem-se através da violência fora e dentro da sala de aula, para com os pares, professores e funcionários da escola. O consumo de bebidas alcoólicas, tabaco e drogas também estão referenciados.

O forte incremento da imigração, nesta região, na década de oitenta, tendo como principais destinos França, Estados Unidos da América e Venezuela promoveu a desagregação das famílias alargadas e a existência de alunos que vivem com os avós, estando os pais imigrados. O regresso dos agregados familiares sem que as novas gerações tenham aqui qualquer referencial cultural provoca os consequentes problemas relacionados com o domínio da língua e cultura portuguesas.

O reduzido nível de escolaridade dos pais e encarregados de educação, muitas vezes, reflexo de vivências escolares pouco significativas, favorecem, por um lado, a desvalorização dos saberes académicos e, por outro lado, a desvalorização de uma cultura mais erudita, por falta de educação do gosto que auxiliem na sua interpretação e valorização.

A falta de hábitos culturais dos alunos, apesar da proximidade e da facilidade de acessos à cidade do Porto e de Aveiro, bem como da oferta cultural existente no concelho, nomeadamente: o festival anual, promovido pelo Cine-clube de Avanca; a programação do Cine-teatro de Estarreja; as actividades e espectáculos promovidos pelo Ballet Contemporâneo do Norte, entre muitas outras iniciativas, são em grande parte a explicação para a falta de público destas iniciativas. Alguns alunos têm formação musical facultada pelas várias sociedades recreativas e musicais do conselho, sendo uma das actividades com mais adesão por parte dos adolescentes/alunos.

Também a prática desportiva está bastante difundida entre os alunos da escola sendo de realçar as práticas do futebol, do andebol e da patinagem.

Atendendo às características referidas e na tentativa de dar resposta às finalidades, do Plano Educativo do Agrupamento de Escolas de Estarreja, a disciplina de Oficina de Artes, leccionada, desde o ano lectivo de 2004/2005, pelos docentes do grupo de Artes Visuais, do Departamento de Expressões da Escola Básica 2.º e 3.º Ciclos Padre Donaciano de Abreu Freire, pretende ser um contexto organizado de aprendizagem em que a arte é uma ferramenta de reorganização interna do indivíduo, utilizada como mediador de expressão e cognição, promovendo a construção identitária e a intervenção social sustentada através da progressiva tomada de consciência do papel como membro de uma sociedade e de uma cultura.

Desenha-se como uma intervenção de integração artística em que a representação do real e do imaginário deverá propiciar a reestruturação de esquemas de pensamento e emocionais, bem como, de esquemas interiorizados de reacção às situações externas ou comportamentais.

Contexto da Disciplina de Oficina de Artes

A oficina era o lugar onde o mestre ensinava o seu ofício ao aprendiz. Uma oficina pedagógica poderá ser o lugar onde o pensamento e o conhecimento são construídos pelo aluno, um aprendiz activo, construtor do seu conhecimento partindo das sensações, das percepções concretas, do jogo, da interacção entre os domínios cognitivo/sócio-afectivo/psicomotor.

As aprendizagens deverão operar-se nesses três níveis de saber: no domínio cognitivo, ao nível do saber-saber; no domínio sócio-afectivo, ao nível do saber-ser e no domínio psicomotor, ao nível do saber-fazer. (Carvalho 2007)

Na disciplina de Oficina de Artes pretende-se que o aluno mobilize, através da prática artística, todos os saberes que detém num determinado momento, desenvolvendo novos saberes e conferindo novos significados aos seus conhecimentos. (Educação 2001)

No domínio cognitivo o sujeito deverá: desenvolver estratégias de articulação entre o real e o imaginário.

No domínio sócio-afectivo deverá vivenciar interacções com o mundo que lhe permitam desenvolver a sua personalidade de forma autónoma e crítica, mobilizar-se no sentido de enfrentar situações de tensão social e aceitar culturas diversas da sua.

No domínio psicomotor pretende-se que, através da manipulação do objecto, atinja uma maior diferenciação dos esquemas sensório-motores. Esta preparação representativa deverá permitir identificar os gestos capazes de fazer surgir o objecto através da construção material e uma maior eficácia na antecipação do resultado de cada gesto

Pretende-se que, sempre que o processo criativo é vivenciado como um território de prazer e um espaço de liberdade seja capaz de proporcionar ao sujeito um trabalho de pesquisa no sentido de encontrar e elaborar um universo de imagens significantes dos seus conflitos internos.

Através deste trabalho o indivíduo pode apropriar-se das imagens e encontrar símbolos para expressar o seu material interno, reconhecer o papel facilitador dos estereótipos e integrá-los de forma criativa nas suas obras. A imagem é uma forma de elaboração mental que permite ao sujeito, na ausência do objecto, criar um signo desse mesmo objecto utilizando referências sensoriais para o dotar do que no objecto é fundamental para o sujeito. A imagem aparece como uma suposição do objecto construída através de um processo consecutivo de análise e síntese a partir de dados sensório-motores e do conhecimento articulado dos diferentes códigos. (Segal 1993)

O código morfológico é definido pelas relações topológicas presentes nas estruturas significadas e a distribuição dos elementos numa representação.

O código simbólico está presente na iconografia utilizada pelo sujeito e que é própria de um contexto cultural e histórico determinados.

O código subjectivo inerente à forma como o sujeito organiza os elementos, cria as narrativas e se apropria dos materiais com que trabalha. É o estilo pessoal da produção plástica, baseado na história pessoal do seu criador, nas suas experiências precoces, nas suas identificações e projecções inconscientes.

As estratégias do sujeito para obter a articulação entre a ordem do real e do imaginário constituem o ponto central da aventura artística.

Sara Païn e Gladys Jarreau, re(Païn, #19)ferem quatro domínios de investigação e associação para atribuição de significação subjectiva a um objecto, esses domínios são: (i) o contexto ou cenário dramático em que objecto está inserido; (ii) a morfologia das representações que prevê a substituição das formas utilizadas para representar um objecto por outras inconscientemente reprimidas; (iii) a linguagem, com a utilização da matéria sonora de uma palavra na produção de outra; (iiii) a sensação ou o prazer inerente à actividade criativa, à utilização dos mediadores e ao manuseamento dos materiais.(Païn and Jarreau)

Antecedentes do Projecto

Influências informais (Mass media)

A televisão é o principal veículo cultural para a maioria dos alunos que integraram este projecto.

Estas foram algumas das referências evidenciadas pelos alunos nas suas intervenções informais, no espaço escolar, ao longo do 7.º e 8.º anos de escolaridade e que posteriormente se reflectiram no trabalho desenvolvido ao longo do projecto “Viagem”.

“Operação Triunfo” um concurso de talentos com uma variante de *reality show*. Associadas à gala de apresentação eram divulgadas imagens dos concorrentes em formação numa “escola de artes”. Este programa mostrou ao público uma imagem de escola diferente do tradicional, uma visão alargada do trabalho de artista e da sua formação. Associou ao espectáculo, não só, uma vertente de diversão e fama, mas também a ideia de trabalho, desilusão e sacrifício.

“Levanta-te e Ri” (<http://sic.sapo.pt/LevantaTeRi/scripts/ArtistsContacts.aspx>) um programa emitido pela SIC que veio valorizar a piada fácil e o uso de vocabulário vernáculo. Potenciando o surgimento de fenómenos de popularidade como Fernando Rocha e Marco Horácio.

“Gato Fedorento” (http://www.rtp.pt/wportal/sites/tv/gato_fedorento/) um programa humorístico emitido pela RTP que se tornou num fenómeno de popularidade, utilizou a sátira social como forma de fazer humor.

“Floribella”(<http://sic.sapo.pt/online/sites+sic/floribella2/novidades/testenovidade2.htm>) o enredo televisivo que conta a história de “Flor”, uma adolescente que perdeu a mãe em criança e cujo pai esteve ausente. A série assenta em premissas como “Hoje ainda existem contos de fadas”, “Ainda existem bruxas...”, “Ainda existem Cinderelas...”. Um mundo de fadas encantadas que apresenta soluções mágicas para os desafios da vida e em que “as coisas que parecem impossíveis se tornam fáceis”.

“Morangos com Açúcar” (<http://www.tvi.iol.pt/morangos/site/default.htm>) é uma série televisiva que pretende dar protagonismo aos adolescentes e suas problemáticas, em que o cenário privilegiado é a escola. Os personagens vivem as suas histórias durante o ano lectivo e resolvem-nas durante as férias, dando lugar ao aparecimento de novas personagens e novas histórias. O elenco é renovado no início de cada ano lectivo procedendo-se à realização de vários castings para recrutamento de novos actores. Estes têm mobilizado multidões de adolescentes. Existe uma enorme política de Marketing que vende o estilo de vida desses recém chegados ao mundo da televisão e da fama.

D’ZRT (<http://www.nzproducoes.pt/dzrt.html>) e os 4TASTE (<http://www.tvi.iol.pt/4taste/home.html>) são duas bandas de música que beneficiaram de toda a máquina publicitária montada à volta da série “Morangos com Açúcar” e que rapidamente atingiram os tops de vendas.

Boss AC (<http://www.bossac.com/>) cantor Hip Hop português que pretende dar voz ao imaginário recente do adolescente português, imigrante das ex-colónias portuguesas, das 1ª e 2ª gerações, tão bem ilustrado na música “Hip Hop (Sou eu e és tu)”.

Nos dois anos lectivos que antecederam o projecto, os alunos foram realizando de forma espontânea e informal, algumas intervenções no espaço escolar, em que estas referências televisivas são bem visíveis:

Durante o ano lectivo de 2004/2005, no 7.º ano de escolaridade, um grupo de alunos, sempre que lhe era permitido, dramatizava algumas das anedotas contadas no programa “Levanta-te e Ri”. No ano lectivo seguinte o mesmo grupo de alunos mobilizou-se no sentido de criar uma banda de música, o projecto não se concretizou;

No ano lectivo de 2005/2006 algumas alunas criaram dois grupos de dança que actuavam alternadamente na sala de alunos, estas actuações foram gerando muita competitividade entre os grupos e um aumento progressivo do investimento, por parte das alunas, na coreografia das danças e caracterização das dançarinas. Esta dinâmica potenciou o aparecimento de um grupo de dança masculino, que incutia nas suas coreografia sentido de humor e alguma crítica a aspectos relacionados com os papéis sociais desempenhados pelos géneros e os estereótipos a eles associados;

Outro grupo de alunos, durante o ano lectivo de 2005/2006, realizou curtas-metragens, pequenos anúncios publicitários e documentários sobre o “recreio” e alguns dos acontecimentos que aí se desenrolavam. Este grupo criou os seus próprios argumentos e utilizou os telemóveis pessoais para realizar as filmagens;

Abordagens Expressivas em Oficina de Artes

Num contexto formal, da disciplina de Oficina de Artes, temos que considerar diferenças de abordagem, que têm por base o ano de escolaridade que os alunos frequentam. Assim, no ano lectivo de 2004/2005, os alunos do 7.º ano de escolaridade, exploraram o tema do auto-retrato

utilizando como mediador artístico o fotograma a preto e branco trabalhado, posteriormente, com canetas de acetato. A auto-avaliação realizada pelos alunos ao longo do ano lectivo, bem como os comentários dos membros da comunidade educativa que visitaram a exposição dos trabalhos, revelaram que os resultados obtidos estavam aquém das expectativas tanto dos alunos como da comunidade educativa. Por parte do órgão de gestão do departamento transpareceu o sentimento de que os resultados obtidos não faziam justiça às verbas investidas para compra de material para a disciplina.

Esta informação foi analisada com os alunos e, posteriormente, no grupo de docência de Artes Visuais. Foram retiradas algumas conclusões que nortearam o trabalho realizado no ano lectivo seguinte. Concluiu-se que existia o gosto pela vivência romântica do artista no seu atelier e pela pintura de cavalete, o que levou à elaboração de linhas orientadoras para a intervenção no próximo ano lectivo que fossem ao encontro destes interesses.

No ano lectivo de 2005/2006, para os alunos que transitaram para o 8º ano de escolaridade, foi solicitado, pelos professores de Oficina de Artes ao órgão de gestão do agrupamento, que se equipasse uma das salas específicas com cavaletes, na tentativa de recriar um ambiente de atelier. Ao longo desse ano lectivo foi proposto aos alunos que realizassem uma intervenção plástica numa tela engradada de 50 x 60cm, com base numa obra de um artista plástico à escolha do aluno, utilizando como mediador a pintura, com base num desenho prévio; como material, a tinta acrílica aplicada a pincel, esponja e escova de dentes.

No âmbito da disciplina, esse ano lectivo, realizou-se uma visita de estudo a Lisboa, ao Centro Cultural de Belém, para que os alunos usufríssem de uma visita guiada a exposição “Frida Khalo Vida e Obra”. No sentido de preparar a visita de estudo os alunos visionaram e analisaram o filme “Frida”, de Julie Taymor.

Ao longo desse ano os alunos foram manifestando agrado pela actividade que estavam a desenvolver, a maioria qualificou a experiência de muito gratificante, apesar de enunciarem dificuldades e alguma frustração em lidar com a técnica e os recursos estilísticos utilizados.

Realizou-se uma exposição com os trabalhos elaborados que contou com as críticas positivas da comunidade educativa, encontrando-se hoje alguns trabalhos expostos na Secretaria da Escola e na Sala de Pais.

No final do ano lectivo foram analisadas com os alunos, as várias hipóteses de trabalho a desenvolver no ano seguinte, em Oficina de Artes. Foram auscultadas as suas preferências relativamente a temas a tratar e a mediadores artísticos a utilizar. Os mediadores artísticos escolhidos foram a expressão plástica, a expressão dramática, a expressão corporal e o cinema. O tema proposto pela maioria dos alunos foi a adolescência. Estes demonstraram ainda a vontade de desenvolver um trabalho conjunto.

Projecto “Viagem”

No ano lectivo de 2006/2007 inscreveram-se na disciplina de Oficina de Artes sessenta e três alunos, dos oitenta matriculados no 9.º ano de escolaridade, nesse ano lectivo. Os alunos estavam distribuídos por três turmas com dezanove, vinte e vinte e quatro alunos.

O projecto “Viagem” envolveu todos os alunos inscritos na disciplina neste ano lectivo. A desenvolver em Oficina de Artes, baseou-se na obra de Luís de Camões, “Os Lusíadas”. A articulação com a disciplina de Língua Portuguesa teve como objectivo principal permitir aos alunos transferirem conhecimentos relacionados com os conteúdos da obra leccionada em Língua Portuguesa, atribuir-lhes novos significados e tornar a vivência dessas aprendizagens mais significativas para os alunos. Posteriormente, surgiu a possibilidade de articulação com a disciplina de

TIC, pois um grupo de alunos propôs-se desenvolver como projecto final dessa disciplina um site sobre o projecto. (Gardner 1995)

As professoras que leccionaram a disciplina de Língua Portuguesa às turmas envolvidas no projecto assistiram aos ensaios gerais e foram supervisionando o trabalho, fazendo críticas construtivas e sugestões ao longo dos trabalhos.

Foram realizadas duas visitas de estudo em articulação com a disciplina de Língua Portuguesa: a Lisboa para que os alunos assistissem à peça de teatro “Auto-da-Barca do Inferno” levada a cena pela companhia de teatro “O Sonho” e ao Porto para que os alunos assistissem à peça de teatro “Os Lusíadas Rumo ao Oriente”, projecto criado e desenvolvido por Cultural Kids/programas Culturais e apresentado no Teatro Campo Alegre e realizassem uma visita guiada ao edifício da Casa da Música, com participação no workshop “Ritmos Urbanos”.

Estas visitas serviam os objectivos traçados para a disciplina de Oficina de Artes, no contexto particular deste projecto, na medida em que proporcionaram: o contacto com a representação teatral; novas abordagens da obra literária que estava a ser trabalhada e a experimentação da expressão música no contexto cultural urbano, associada à criação de instrumentos musicais com objectos do dia-a-dia atribuindo-lhes novas funções e novos significados.

Os alunos que desenvolveram o site sobre o projecto, para além de se envolverem activamente no projecto, foram recolhendo e tratando toda a informação referente ao mesmo.

O projecto desenvolveu-se em duas fases:

No primeiro período as aulas decorreram na sala de aulas, organizadas em sessões temáticas numa topologia próxima da adoptada em Arte-terapia Psico-educacional;

No segundo e terceiros períodos as aulas de noventa minutos decorreram na sala de espectáculos do Cine-teatro de Estarreja, destinando-se aos ensaios do espectáculo “Lusíadas School” e as aulas de quarenta e cinco minutos realizaram-se na escola, na sala de Oficina de Artes ou na sala de Informática, de acordo com o trabalho a desenvolver.

Abordagens

A abordagem metodológica seguida numa primeira fase foi próxima à da Arte-terapia Psico-educacional. Realizou-se durante o primeiro período, e proporcionou aos alunos: a associação de vários mediadores artísticos; espaço para a elaboração e atribuição de significados às criações artísticas; maior interacção entre os intervenientes; relações mais empáticas entre alunos/alunos e alunos/professora; estímulos de esperança; estímulos de cooperação; incentivo a enfrentar questões emocionais.

A Arte-terapia Psico-educacional é uma das abordagens psicoterapeutas que integram o Modelo Polimórfico da Arte-psicoterapia. Este modelo foi criado por Ruy de Carvalho, médico e arte-psicoterapeuta, membro fundador e vice-presidente do Conselho Científico da Sociedade Portuguesa de Arte-terapia.(Carvalho 2007)

Este tipo de intervenção psicoterapeuta utiliza a expressão artística como ensaio de vivências reais. Valoriza o processo criativo possibilitando que através deste se treinem aptidões sociais. Segundo este modelo à expressão plástica podem ser associados outros mediadores como: o *Role Playing*, técnica muito utilizada no psicodrama; os jogos dramáticos; a construção ou utilização de marionetas, a expressão corporal, a fantasia guiada e a utilização de histórias. Numa perspectiva integradora ou mono-expressiva. A escolha dos mediadores deve ser criteriosa, em função das temáticas a desenvolver e dos objectivos a atingir. É uma abordagem directiva ou semi-directiva, de pendor cognitivo comportamental, com influências da educação pela arte, da aprendizagem mediatizada, da teoria das inteligências múltiplas, entre outras. A leitura do processo terapêutico é feita de acordo com uma perspectiva dinâmica.

Uma sessão de Arte-terapia Psico-educacional obedece à seguinte estrutura: apresentação e/ou partilha de objectivos pessoais para o tema ou expectativas; aquecimento; proposta do tema para expressão da temática; expressão; partilha (em grande grupo ou pequeno grupo); proposta de integração com outro mediador; assimilação e dinâmica de despedida/encerramento.

No entanto, o contexto do projecto “Viagem” não é terapêutico não estando acauteladas algumas das premissas para a constituição de um grupo psico-educacional, como por exemplo o número de membros do grupo. Numa intervenção de Arte-terapia Psico-Educacional, com adolescentes, o grupo não deve ultrapassar os oito elementos. Apesar disso, alguns dos objectivos a atingir são comuns aos dois contextos. Aprender transformando-se e criando-se a si próprio e ao mundo.

Eloisa Quadros Fagali, no seu artigo “Encontros entre arte-terapia e psicopedagogia: a relação dialógica terapeuta e cliente, educador e aprendiz” refere, relativamente, à relação entre o contexto clínico e o contexto educativo: “Ambos consideram essa interacção entre aprender-curar, desvelando esses níveis sutis de cura, no processo do aprender e os níveis de aprendizagem na busca da cura. O terapêutico, portanto, está presente nesses diferentes contextos e situações, em relação de ajuda acontece na dialógica “Eu-Tu, na reciprocidade, no compromisso e no movimento de transformação” (Fagali 2005)

A criatividade permite ao homem libertar-se dos obstáculos que o aprisionam, criando outros num processo contínuo de desenvolvimento.

“These capabilities are particularly important in the face of the challenges present in 21st century society. For example, due to societal changes which affect family structures, children are often deprived of parental attention. In addition, due to lack of communication and relationship-building in their family life, children often experience a variety of emotional and social problems. Moreover, transmission of cultural traditions and artistic practices within family environments is becoming more difficult, especially in urban areas.” (Unesco 2006)

A abordagem fenomenológica do processo criativo gerou: uma dinâmica de acolhimento e aceitação do outro respeitando a sua singularidade; espaço para a criação e para o reconhecimento de cada sujeito como construtor de si próprio e do seu conhecimento; diálogo e diferentes formas de contacto com o mundo interno e externo.

Estrutura

Fase I

No primeiro período foram leccionadas, em média, por turma, trinta e oito blocos de quarenta e cinco minutos, distribuídos semanalmente, por um bloco de noventa minutos e um bloco de quarenta e cinco minutos, perfazendo um total de cinco sessões temáticas diferentes.

Na primeira aula de quarenta e cinco minutos decorreram: a apresentação do projecto; a definição das actividades a realizar; a análise dos critérios e formas de avaliação e a distribuição dos textos de apoio.

As três turmas trabalharam seis partes distintas que integram a obra “Os Lusíadas”, estas foram leccionados de entre os episódios que constam do programa do 9.º de Língua Portuguesa, tendo sido distribuídos da seguinte forma pelas turmas: uma turma trabalhou a “Proposição” e o “Concílio dos Deuses”; outra turma trabalhou o episódio de “Inês de Castro” e a “Batalha de Aljubarrota” e outra ainda “Adamastor” e “Tempestade”.

Os textos de apoio fornecidos aos alunos eram relativos aos episódios que estes iriam trabalhar e foram, por sugestão das docentes de Língua Portuguesa, retirados do livro “Os Lusíadas em Prosa”, adaptação de Amélia Pinto Pais. (Pais 2002) Pretendia-se que desta forma e ao longo do

primeiro período os alunos estabelecessem um primeiro contacto com a obra, uma vez que só iriam iniciar o seu estudo em Língua Portuguesa, no segundo período.

Foram entregues sebetas, que funcionaram como “Diários de Bordo” da “Viagem”, onde os alunos fizeram os registos e comentários pessoais sobre as actividades, bem como, qualquer outro apontamento, texto, colagem ou desenho que achassem pertinente.

Na primeira sessão temática abordou-se o tema “Quem Sou”, ocupando duas aulas de quarenta e cinco minutos e uma de noventa minutos. No âmbito deste tema os alunos desenvolveram as seguintes actividades: todos em círculo apresentaram-se através de gestos, caminharam livremente e cumprimentaram-se utilizando onomatopeias, tons de voz e expressões faciais diferentes; disseram o nome e apelido, segundo o ritmo em que o dissesse, os seus colegas mexeram-se; elaboraram um crachá representativo do seu nome e explicariam, com gestos, os significados dos respectivos crachás e partilharam as histórias dos seus nomes (que recolheram junto de pais e/ou outros familiares)

Na segunda sessão temática abordou-se o tema “Ser Adolescente”, ocupando duas aulas de noventa minutos e uma de quarenta e cinco minutos. No âmbito deste tema os alunos desenvolveram as seguintes actividades: recriassem, ensaiassem e apresentassem uma nova interpretação da música de Rui Veloso “Não há estrelas no céu”.



Ilustração 1 – sessão temática “Ser Adolescente”.

Na terceira sessão temática abordou-se o tema “O medo”, ocupando duas aulas de quarenta e cinco minutos e duas de noventa minutos. No âmbito deste tema os alunos desenvolveram as seguintes actividades: imaginaram que estavam no meio de um aglomerado de pessoas (entrada de um concerto ou de um jogo de futebol muito importantes) fazendo, seguidamente, um *Role playing*; (Plana 1997) uma fantasia guiada com base no texto “Obstáculos”, (Bucay 2004) seguida de expressão plástica e um jogo dramático com base nessas criações plásticas.

Na quarta sessão temática abordou-se o tema “A Motivação”, ocupando duas aulas de quarenta e cinco minutos e uma de noventa minutos. No âmbito deste tema os alunos desenvolveram as seguintes actividades: escolheram um animal e criaram uma orquestra em que cada um emitia o som correspondente; caracterizaram-se e vivenciaram uma floresta povoada por todos os animais escolhidos; criaram uma colagem com base no texto “Quero” (Bucay 2004) e partilharam os significados atribuídos as colagens.



Ilustração 2 – sessão temática “A Motivação”.

Na quinta sessão temática abordou-se o tema “A Expressão”, ocupando uma aula de noventa minutos e uma de quarenta e cinco minutos. No âmbito deste tema os alunos desenvolveram as seguintes actividades: escolhessem um quadro de Paula Rego e criassem um Jogo dramático partindo desse quadro, com partilha em grande grupo.



Ilustração 3 – sessão temática “A Expressão”.

Nas restantes aulas do primeiro período as turmas trabalharam os episódios que lhes foram atribuídos. Nas aulas de noventa minutos os alunos, em grupos de quatro, apresentavam jogos dramáticos baseados no texto proposto, com partilha em grande grupo e filmagem das várias apresentações. Nas aulas de quarenta e cinco minutos as apresentações foram visionadas, comentadas e apontados os *sketches* que retomaríamos numa fase posterior. Esta metodologia potenciou uma abordagem fenomenológica do processo criativo, colocando sempre a tónica na atribuição individual de significados às várias vivência e na partilha desses significados, dando origem a uma proposta de trabalho significativa para todo o grupo turma que retomamos no segundo período.

Fase II

Durante o mês de Setembro, foram estabelecidos vários contactos com o Cine-teatro de Estarreja, na pessoa do seu Director, foi apresentado o projecto e estabelecido um protocolo de cooperação que previa: a utilização da sala de espectáculos para aulas/ensaios, a utilização dos equipamentos técnicos do Cine-teatro; o acompanhamento dos trabalhos, por parte dos técnicos de som, de imagem e de projecção ao serviço do Cine-teatro de Estarreja; a utilização da sala de espectáculos, dos meios técnicos e humanos, nos ensaios gerais e nas apresentações finais.

Depois de o projecto ter sido apresentado e aprovado em Conselho Pedagógico estabeleceu-se um cronograma que estabelecia uma média de vinte aulas/ensaio por turma, compreendidas entre o dia dois de Janeiro e o dia trinta e um de Maio, dois ensaios gerais, no final do segundo período e antes das apresentações; o acompanhamento por parte dos técnicos de luz e som, das aulas/ensaios, a partir do início do mês de Março e duas apresentações, uma aberta à comunidade e outra destinada aos alunos do 3.º ciclo da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos Padre Donaciano de Abreu Freire.

O trabalho realizado em sala de aula, durante o segundo e terceiro período, dividiu-se em várias fases:

- Ponderou-se a necessidade de arranjar financiamento para o projecto, nomeadamente, para aquisição/aluguer de guarda-roupa, compra de acessórios de caracterização e elaboração do cenário. Fez-se um levantamento das empresas e instituições que poderiam patrocinar o projecto, redigiu-se uma carta a explicar o projecto e a modalidade de financiamento pretendida, posteriormente, as cartas foram entregues às instituições;
- Criou-se uma conta de *e-mail* para o projecto, elaborou-se e enviou-se um *e-mail* à banda rock “Xutos & Pontapés”, apresentando o projecto, pedindo autorização para utilizar as músicas da banda no espectáculo. Contactou-se, via *e-mail*, as principais estações televisivas portuguesas, apresentando o projecto e convidando-as a divulgarem-no;
- Foram redigindo e alterando os vários guiões que foram surgindo ao longo do processo;
- Realizaram-se os projectos para os desenhos das *t-shirts* e elegeram-se as melhores propostas;
- Dinamizaram-se *brainstormings* para definir o nome do espectáculo, os cenários e guarda-roupas;
- Elaboraram-se propostas de guarda-roupa e listas de acessórios;
- Visionaram-se e analisaram-se as filmagens dos ensaios e procederam-se a múltiplas alterações.
- Realizaram-se recolhas de imagens e construíram-se projecções destinadas ao cenário do espectáculo e vídeos publicitários;
- Criou-se uma apresentação *PowerPoint* com imagens e textos referentes ao trabalho desenvolvido no primeiro período e que foi apresentado no início do espectáculo.
- As aulas/ensaio eram abertas aos encarregados de educação que foram formalmente convidados a assistir às mesmas. Sempre que os alunos solicitavam eram realizados exercícios de aquecimento e/ou relaxamento.
- Os técnicos de som, imagem e projecção explicaram ao grupo turma qual o objectivo da sua presença, apresentaram-lhes alguns termos técnicos e foram partilhando com estes e com a professora possíveis soluções técnicas. Os alunos foram convidados a manusear e utilizarem os vários equipamentos e a desenvolverem algumas competências nesse sentido. Mais uma vez o projecto obedeceu a uma metodologia dinâmica em que todos os participantes vivenciaram e participaram activamente no processo de criação e realização.

O espectáculo tomou a designação de “Lusíadas School” e estava dividido em seis partes.

A tabela que se segue ilustra as relações estabelecidas entre os episódios de “Os Lusíadas”, de Luís de Camões e as representações de “Lusíadas School”.

	“Os Lusíadas”	“Lusíadas School”
“Proposição”	Camões propõe-se narrar os feitos dos Portugueses, desde a Fundação da Nacionalidade até ao Reinado do Rei D.Manuel I, altura em que se realizou a viagem da descoberta do Caminho Marítimo para a Índia.	Cada aluno diz um verso de a “Proposição” de “Os Lusíadas”, sendo interrompido e empurrado por um colega que tenta assumir o protagonismo.
“Concílio dos Deuses”	Júpiter convoca todos os Deuses do Olimpo para debater a chegada ou não dos Portugueses à Índia.	O Presidente do Conselho Executivo convoca uma reunião, para decidir se os alunos devem realizar uma viagem de finalistas. Em Conselho de Turma é decidido que devem prevalecer os grandes acontecimentos e os bons momentos e não os conflitos, problemas e folhas amarelas (folhas em que os professores redigem as participações disciplinares), deliberando que os alunos podem seguir viagem.
“Inês de Castro”	Este episódio apresenta os amores do Infante D. Pedro I e D. Inês de Castro	Os alunos recriam uma aula de Oficina de Artes em que representam parte do episódio de Inês de Castro.
“Batalha de Aljubarrota”	Os Portugueses derrotaram os Castelhanos, estando estes em clara vantagem numérica em relação aos Lusitanos, através das suas táticas e sobretudo devido à sua persistência e ao seu espírito guerreiro	Representa um confronto entre dois grupos distintos de alunos, os “Sociais” e os “Anti-sociais.
“Adamastor”	A Frota Portuguesa encontra-se no Sul de África, mais precisamente, no Cabo das Tormentas (agora chamado Cabo da Boa Esperança), em que enfrentam uma figura gigantesca e horrenda, através da qual Camões pretende simbolizar todos os perigos, obstáculos e medos que os Portuguesas sofreram para conseguirem descobrir o Caminho Marítimo para a Índia.	O “Adamastor” é representado através de um professor que se sente traído pelo seu “grande amor”, o Ensino, e descarrega todas as suas frustrações nos alunos. Representa também a união que existe entre os alunos de uma turma, a mesma atitude que existia na Frota comandada por Vasco da Gama, mas a união destes alunos é usada para boicotarem e se esquivarem à aula.
“Tempestade”	Os Portugueses encontram-se num clima muito agitado provocado pelo desespero de Baco, Deus que irá perder todas as Honras se os Portugueses conseguirem alcançar o Caminho Marítimo para a Índia	Representada por um concerto de uma banda criada pelos alunos que simbolizou o carácter agressivo e repulsivo que alguns alunos têm para com a Escola.

Solicitou-se a colaboração e o envolvimento dos encarregados de educação que ajudaram a realizar acessórios, maquilharam e pentearam os alunos no dia do espectáculo.



Ilustração 4 – O “Adamastor” em “Lusíadas School”.

Participaram no espectáculo sessenta e dois alunos, revelando muito empenho e sentido de responsabilidade.

Avaliação

Cada aluno construiu um portefólio (Eça 2006) constituído pelo “Diário de Bordo” e pelos trabalhos de expressão plástica.

No final de cada período os alunos preencheram uma auto-avaliação formal.

No final do ano lectivo e antes das apresentações do espectáculo, foi pedido aos alunos que redigissem um pequeno texto em que comentassem as frases “O que correu melhor...” e “O que correu pior” ao longo do projecto.

A atribuição de significados assumiu enorme importância na abordagem adoptada, o investimento que os alunos realizaram nesse sentido foi avaliado através das apreciações verbais dos objectos.

No domínio cognitivo foram considerados os seguintes indicadores de aprendizagem: reconhecer a ambiguidade e polivalência do discurso simbólico e identificar na iconografia utilizada o que é própria de um contexto cultural e histórico determinados.(Segal 1993)

No domínio sócio-afectivo foram avaliados os parâmetros: capacidade para criar relações empáticas, respeito pela diferença, autonomia e sentido de responsabilidade.

Ao nível do saber-fazer foi pedido aos alunos que accionassem os seus recursos afectivos, cognitivos e cinestésicos e usassem imagens, sons, e movimentos, organizando-os de forma criativa. (Rogers 1985)

Conclusões

Em conclusão, os resultados deste Projecto foram importantes na medida em que promoveram a auto-estima dos alunos e o envolvimento dos encarregados de Educação, bem como, a interacção com a comunidade. Tornou-se também um veículo para a criação de novos públicos para as Artes, para o contacto com contextos culturais e profissionais diversos, para a mútua compreensão e gratificação de todos os intervenientes no projecto.

Os resultados obtidos, permitiram também demonstrar as capacidades dos alunos e criar responsabilidades nos docentes e na Escola para a continuação de projectos com idêntica natureza, havendo já alunos que demonstraram interesse em integrar novos projectos para os próximos anos.

Há ainda a registar como facto importante, a descoberta de algumas vocações profissionais e talentos desconhecidos em alguns dos alunos intervenientes.

O professor também é aprendiz e necessita de se sentir acolhido, segundo o sentido fenomenológico da relação Eu-Tu, para poder desenvolver a sua auto-estima e auto-confiança, para se criar e transformar, excedendo-se na função de ensinar. Esta construção/desconstrução foi necessária, possível e muito gratificante ao longo de todo o projecto.

Agradecimentos

Agradecemos reconhecidamente a colaboração, o profissionalismo e simpatia dos funcionários e técnicos do Cine-Teatro de Estarreja, que muito se empenharam para levar este projecto a bom termo.

Bibliografia

Bucay, J. (2004). Contos para pensar, Pergaminho.

- Carvalho, R. d. (2007). Manual de Arte-Terapia Vivencial e Psico-Educacional, Sociedade Portuguesa de Arte-Terapia.
- Eça, T. (2006). Portefólio no Ensino das Artes Visuais. Ensinarte. 7 e 8: 2.
- Educação, M. d., Ed. (2001). Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais Lisboa.
- Fagali, E. Q. (2005). Encontros entre Arteterapia e Psicopedagogia: A Relação Dialógica Terapeuta e Cliente, Educador e Aprendiz. Percursos em Arteterapia. São Paulo, Summus Editorial.
- Gardner, H. (1995). Inteligências Múltiplas: A Teoria na Prática. Porto Alegre, Artemed Editora.
- Pañ, S. and G. Jarreau Teoria e Técnica da Arte-Terapia - A Compreensão do Sujeito, Arte Média.
- Pais, A. P. (2002). Os Lusíadas em Prosa, Areal Editores.
- Plana, O. R. (1997). Unidades Didáticas para Secundaria V - Exercícios de expressão corporal para jovens - Adequados para jovens com diminuição sensorial ou física. Barcelona, INDE.
- Rogers, C. (1985). Tornar-se pessoa. Lisboa, Moraes.
- Segal, H. (1993). Sonho, Fantasia e Arte. Rio de Janeiro, Imago.
- Unesco (2006). Road Map for Arts Education. The World Conference on Arts Education: Building Creative Capacities for the 21st Century. Lisboa, Unesco.